

FH descobre que PFL é o jegue que o carrega

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — Depois de viver o inferno do “furacão tucano” — iniciado com a briga entre o governador Mário Covas e a equipe econômica, alimentado com a rebelião nas bancadas do PSDB no Congresso e que chegou a seu ápice com a queda do presidente Pimenta da Veiga, provocada pelo ministro Sérgio Motta — o presidente Fernando Henrique Cardoso não resistiu aos bons modos do PFL e emocionou-se com a solidariedade dos liberais, manifestada a ele e ao presidente do Banco Central, Pêrsio Arida. O comando do PFL, tendo à frente o presidente do partido, Jorge Bornhausen, o vice-presidente da República, Marco Maciel, e o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães, fez o

que nenhum tucano ou estrela do partido do presidente fizera: confortou-o pelos incidentes ocorridos no Rio e pela tentativa de desestabilizar a equipe econômica.

Mais que isso, o PFL foi ao Palácio do Planalto dizer ao presidente da República que, na novela de ter ou não ter coordenador político, Fernando Henrique é o único árbitro.

— Se o senhor quiser, quando quiser e com quem quiser, o PFL está aqui para dizer que apoia qualquer decisão sua — disse Bornhausen.

O PFL, partido nascido da dissidência do PDS, com a fama de fisiológico, pediu uma única coisa ao presidente da República: que cumpra o “Mãos à obra”, seu programa de Governo, acelerando a privatização e as concessões principalmente no setor

energético.

Antes mesmo de sair candidato, nas conversas preliminares que mantinha com o comando do PFL no Ministério da Fazenda para articular sua candidatura, Fernando Henrique já notara que o partido estava mudando. Para a aliança, a única exigência foi a de que o candidato a vice teria que ser da legenda. Na composição do Ministério, segundo disserá na época o próprio presidente, “o PMDB foi mais PFL que o PFL”. E agora, com o aumento do número de rebeldes, o PSDB está sendo para Fernando Henrique o que o PMDB foi para o Governo Sarney. Sem contar a ameaça do PP de romper por causa da escolha de um coordenador político. Já os liberais não exigiram nomes e assimilaram como se fosse da cunula um indicado que na ver-

dade, não dá muita atenção à legenda: Reinhold Stephanes.

— Depois dos pesadelos da semana passada, a conversa com o PFL foi um bálsamo para o presidente. Ele agora deve estar também pensando “Mais vale um PFL que me carregue, que um PSDB que me derube...” — brincou um assessor, lembrando o enredo da Imperatriz Leopoldinense, campeã do último carnaval carioca: “Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará”.

● **ADIAMENTO** — A Executiva do PP, que ameaça romper com o Planalto por estar sem cargos no segundo escalão, se reuniu ontem na Câmara, mas adiou para a próxima terça-feira a decisão se manterá o apoio ou não o apoio ao Governo.